



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talla-Lisboa • Telefone 5338 O.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Através da Rússia

## O recente Congresso de Moscú

(DA ROSTA-WIEN)

Um novo discurso de Lénine

MOSCÓVIA, 29. — Lénine produziu, no VIII Congresso dos Soviéticos da Rússia, realizado em Moscú em 26 de Dezembro, um discurso, dizendo, em síntese, o seguinte:

«Nós éramos e continuamos a ser um país de pequenos camponeses, de forma que este modo é a transição para o comunismo das mais difíceis. Para acelerar o movimento comunista seria preciso fazer nele interessar os próprios aldeões. É preciso aumentar a produção agrícola, e nós devemos, por todos os meios, auxiliar os camponeses nessa tarefa, considerando-nos seus devedores. Fornecendo-lhes trigo, concedendo-lhes crédito, e nós devemos saldar estas dívidas reorganizando a nossa indústria. E para a reorganizar, precisamos também reorganizar a agricultura.

«Não menos importante é o problema dos combustíveis. Todavia, graças ao heroísmo dos operários de Baku, vamos recebendo cada vez mais uma quantidade maior de nafta.

«O prazo para a reconstrução completa dos nossos meios de transporte, que tinha sido fixado em 5 anos, foi reduzido a 3 anos e meio, em vista dos grandes sucessos alcançados no «front dos transportes». A reorganização dos transportes prossegue conforme um programa minuciosamente elaborado.

«Na ordem do dia do Congresso actual figura também a importante nota do melhoramento da administração soviética. Nos próximos Congressos Soviéticos veremos na tribuna não somente funcionários e políticos, mas também engenheiros e inventores. Temos aprendido como se faz política, e ninguém nos poderá induzir a errar. Agora é um trabalho criador de reconstrução económica e o aumento das nossas forças produtivas, que comporão a nossa política. A reorganização da produção agrícola, dos transportes e da nossa vida económica em geral não se pode fazer senão executando com cuidado o programa de electrificação. É preciso que toda a fábrica, toda a estação de electricidade seja um centro de cultura.

«A Rússia será coberta por uma rede de centros de electricidade e de poderosas instalações técnicas, podendo a nossa organização económica comunista servir de modelo às futuras sociedades socialistas da Europa e da América.

Resposta de Somonski aos ataques dos menxeviques

«Críticos dos menxeviques a política da Internacional Comunista para com o proletariado ocidental, eles que em certa época dirigiram aos imperialistas da Entente um convite para a luta em comum contra os operários e camponeses russos — declarando que os comunistas pela sua política de união internacional dos elementos proletários verdadeiramente revolucionários não arranjaram mais nada do que disputas e ciúses nas filas do proletariado europeu.

Mas esquecem-se provavelmente os menxeviques que o seu correligionário Martov se esforça em Ginebra para criar uma nova Internacional, chamada a segunda e meia, para lutar contra a Internacional Comunista e prestar concurso à instituição burguesa, conhecida pelo nome de Sociedade das Nações.

## José Lopes

O seu funeral foi largamente concorrido

Realizou-se ontem, conforme anunciámos, o funeral do extinto militante da construção civil José Lopes, que tem esmeradamente deo o concurso da sua grande vontade e da sua apreciável inteligência à sua organização de classe, que nele contava um dos mais combativos elementos.

O cadáver do nosso desditoso camarada saiu pelas 16 horas da residência, na rua 4 de Infantaria, sendo conduzido à mão, em diversos turnos por operários das diversas corporações da construção civil e de quasi todas as classes operárias, seguindo atrás a carreta com diversos ramos de flores oferecidos por pessoas de família e amigos.

Junto ao coval n.º 15, onde ficou repositado o cadáver do extinto lutador, falaram os camaradas Carlos Lopes, que em nome da família agradeceu a todos que haviam ido prestar a derradeira homenagem ao falecido, fazendo salientar as suas qualidades de bom chefe de família e de militante operário; Eduardo Jorge, representante da C. J. T.; Alexandre Assis, representante da U. S. O.; Joaquim Cardoso, representante da F. N. da C. C.; Alberto Dias, representante do Sindicato Unico da Construção Civil, que leu uma carta que os camaradas presos por questões sociais do grupo C, da cadeia do Limoeiro, lhe enviaram para ser lida junto do coval, como preito de homenagem; Júlio de Matos, representante do Sindicato Unico Metalúrgico; Alfredo Marques, pelo Sindicato Unico da Indústria Mobiliária; João Caldeira, pela secção profissional dos Pedreiros de Lisboa e pela Associação da Construção Civil de Beja; Manuel dos Santos, pelo Grupo Dramático e Musical da Construção Civil; António Ferreira, pela Associação dos Empregados da Companhia Carris de Ferro; Carlos Henriques da Fonseca, pela Associação dos Inscriitos Marítimos; um representante da Juventude Sindicalista de Almada, Henrique Lagiosa, Magina e Francisco Cristo, representante de A Batalha.

Fizeram-se representar: a C. G. T., Federação Nacional da Construção Civil e da Indústria Mobiliária, União dos Sindicatos Operários, S. U. da Construção Civil e todas as suas secções profissionais, e os sindicatos seguintes: Empregados de Escriitório, Inscriitos Marítimos, Alfaiates, Pessoal da Imprensa Nacional, Metalúrgico, Mobiliário, Construção Civil de Almada, Beja, Paredes, Tires e Cascais, Empregados da Companhia Carris de Ferro, Operários do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, Pessoal do Arsenal do Exército, Correioiros, Carruageiros, Compositores Tipográficos, Juventudes Sindicalistas de Lisboa e Almada, Grupo Dramático da Construção Civil, Cooperativa dos Canteiros, Encadernadores e outras colectividades e os jornais O Construtor e A Batalha.

Por iniciativa do coeiro Manuel da Costa, amigo do falecido, foi aberta para a família, uma que junto do coval e recebida pelo representante da Batalha, que rendeu 6880 e a porta do cemitério também foram recebidos, com o mesmo fim, donativos que renderam a importância de 56521, os quais foram entregues à viuva.

A fim de se incorporar no funeral, militos operários da indústria da construção civil abandonaram na tarde de

ontem, o trabalho, tendo por esse motivo fechado várias obras e oficinas de canteiro.

A comissão pró-presos por questões sociais, em sua última reunião, deliberou lavar na acta um voto de sentimento pela morte do camarada José Lopes, tendo-se feito representar no funeral.

## Os trabalhadores dos jornais

realizam amanhã uma assembleia magna para tratar das suas reclamações

A fim de ser dado conhecimento das respostas das Empresas Jornalísticas às reclamações apresentadas pelos redactores, reporteiros, informadores, revisores, tipógrafos e distribuidores dos Jornais de Lisboa, convidam-se os membros de todas as classes a reunir-se amanhã 9, às 15 horas, na sede da Associação dos Caixeiros, Rua António Maria Cardoso, 20.

E' da mais alta conveniência que não falte nenhum dos interessados.

## Taxas postais e telegráficas

Das comissões administrativas das Associações do pessoal maior e menor dos correios e telegrafos recebemos a seguinte nota:

«A fim de desfazer qualquer má impressão que porventura possa haver contra os empregados dos correios e telegrafos, devido ao agravamento das taxas postais e telegráficas, os corpos directivos das associações de classe do respectivo pessoal, vem esclarecer ao publico de que esse aumento em nada veio beneficiar a classe telegrafo-postal, pois que os seus vencimentos continuam sendo os mesmos.»

## A Irlanda em foco

Vão continuar as hostilidades?

BERLIM, 7. — Contrariamente às constatações oficiais inglesas, comunicadas de Dublin que De Valera vai dirigir uma proclamação incitando os irlandeses de todo o mundo a continuarem as hostilidades contra o governo britânico.

Os *sinn-fainers*, próximo de Cork, atacaram soldados ingleses, tendo sido repellidos, havendo sofrido desastosas baixas, deixando também grande numero de prisioneiros. — Rádio.

Como se pensa apagar o incendio...

LONDRES, 7. — Sir Hamar Greenwood, secretário de estado para a Irlanda, declarou ao *Daily Express* que dentro de seis meses o Home Rule estará em completa execução, tanto no norte como no sul da Irlanda.

Sir Greenwood considera a execução de tam importante medida como um dos grandes acontecimentos da história do Império Britânico.

Muitos irlandeses do sul são de opinião que um unico parlamento seria suficiente para a Irlanda. Os dois parlamentos irlandeses, previstos pelo Home Rule, podem transferir os seus poderes, no todo ou em parte, para um deles. Se, obtida assim a unidade da Irlanda, ela for solicitada, o governo britânico tomará em consideração esse pedido. — Rádio.

## Finalmente!

Foi ontem restituído à liberdade Manuel Ribeiro

Quando, a noite passada, estavam dando início às lides noturnas de A Batalha, recebemos nestas oficinas uma visita que agradavelmente nos surpreendeu. Era Manuel Ribeiro, o distinto autor da *Catedral, Linha de fogo e Sentido de viver* e director do nosso colega na imprensa A Bandeira Vermelha, que tendo acabado, momentos antes, de ser posto em liberdade, nos vinha pessoalmente dar a boa nova.

Como é sabido, Manuel Ribeiro fora preso, há três meses, pelo grave delito de dirigir aquele jornal revolucionário, mas como era preciso dar lustro legal à sua violenta captura, arranjou-se-lhe qualquer coisa parecida com um processo, para ser entregue aos tribunais militares e assim o poderem deter, durante longos dias, no Limoeiro, o que efectivamente succedeu.

Final os da policia sempre se resolveram a mandar em paz o nosso amigo, embora o não indemnizem dos prejuizos materiais sofridos.

A Manuel Ribeiro, velho camarada destas lutas pelo ideal, reiteramos as nossas saudações.

Tendo Manuel Ribeiro sido justamente libertado e outros camaradas se conservando ainda no Limoeiro que, como ele, participam do mesmo processo, como Joaquim Francisco, João Maria Major e Casimiro da Silva, ocorrem-nos perguntar por que motivo não foram estes igualmente mandados em liberdade até à hora em que escrevemos.

Trata-se, certamente, dum lapso, embora lapso lamentável, que certamente o poder militar vai já remediar, ordenando a libertação desses homens, com o que apenas se praticará um acto de justiça, embora tardio.

## Através da Itália

Malatesta acusado de delito de imprensa

Fez em 25 de Dezembro um ano que, fugido da Inglaterra, chegou à Itália o velho e incansável propagandista Enrico Malatesta, preso actualmente no cárcere de S. Vittore, sob a acusação (dada à última hora) dum delito de imprensa.

Comemorando esta data, escreveu na *Unità* Nova Gigi Damiani um interessante artigo, do qual nos sentimos tentados a recortar as passagens seguintes:

«Faz agora um ano... As seras dos navios que enchiam o porto de Génova saíam para o set regresso. Infmeras bandeiras foram içadas glorificando o mestre que voltava...»

Mas muitos julgavam, ou esperavam, que ele voltasse, não como um soldado voluntário, mas como um chefe; muitos esperavam que ele, esquecendo-se, assumisse a «posse» ditatorial de Lénine... do invocado Lénine que as multidões esperam, não porque queiram libertar-se, mas porque querem ser libertados.

Mas o homem saído da Internacional comunista-anarquista continuava um comunista libertário.

Continuava a ser o homem que tem uma fé e a recomendar aos outros, que tenham uma esperança e procurem comunicá-la aos que sofrem; que se dá com toda a alma sem nada pedir, sem com nada merecedor...

E se d'vida por isto e por mais nada que Henrique Malatesta está hoje em S. Vittore... traído e abandonado de facto pelo proletariado italiano, e apenas confortado com uma illusão vã de estereis ordens do dia...

Nem os seus camaradas souberam e quizeram fazer todo o possível por aquele que lhes deu um forte e raro exemplo de rectidão e coerência, resistindo a todas as seducções glorificatórias, conservando-se o camarada humilde e devotado no meio das massas, só se elevando sobre elas como porta-bandeira e não como chefe; precedendo as multidões, não como general, mas como sentinela avançada... e talvez perdida.

Se Malatesta, como tantos, tivesse caído sob o encanto das adulacões; se tivesse tomado a atitude dum... Lénine parlamentar; se as massas tivessem pedido que em vez de escutá-lo e raciocinar sobre as suas palavras, lhe dessem um mandato representativo... não estaria hoje de certo em S. Vittore...

## As greves

Marítimos de Cezimbra

CEZIMBRA, 6. — C. — Continua a greve dos camaradas marítimos. Os industriais não se preocupam em solucionar o conflito, o que não admira, porque eles não se preocupam com as necessidades da população, apenas tendo em conta os seus interesses. Estando acostumados a reduzir o seu pessoal à fome, pretendem também desta vez aniquilá-lo, o que todavia não lhes será fácil conseguir, porque os marítimos já revelam mais alguma consciência.

## DEBATE DE OPINIÕES

## OS SINDICATOS

Células vitais do novo regime social

Eu tenho em alto apreço as qualidades de Lénine, como lutador, como homem de convicções e de inquebrantável energia. Mas longe de mim a ideia de seguir-lhe as pisadas como organização.

Lénine é pelo centralismo, eu, pelo contrário, sou pela descentralização, tanto quanto possível; Lénine, defendendo a ditadura do proletariado, dá-nos uma ditadura, sim, mas uma ditadura do seu grupo político contra o resto da nação russa, incluindo o próprio proletariado. Não duvido por um instante só da nobreza de intenções do grande homem de Estado que dirige hoje, com pulso vigoroso, os destinos do povo russo. Eu não sei se seria possível e vantajoso para a causa do socialismo fazer-se na Rússia coisa diferente do que se tem feito, mas posso garantir, sem ser profeta, que o figurino russo de modo algum nos pode servir.

Eu defendo, como Lénine, a necessidade da ditadura, mas a ditadura que eu defendo é insosfismavelmente uma ditadura do proletariado porque é exercida directa e exclusivamente pelos seus organismos — os sindicatos e suas federações. Eu não tolero um regime social em que os sindicatos estejam subordinados a qualquer gatilho político, quer ele se chame colectivista, anarquista, comunista ou maximalista. Não se a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores é sofirmar de novo a solução do problema não confiar dos sindicatos a tarefa de remodelação social em que estamos empenhados.

Eis porque, muito recentemente, ao discutir-se a necessidade da criação d'um grupo extra-sindical, eu apresentei a seguinte questão prévia:

«A assembleia popular, socialista e operária, reunida na Associação dos Caixeiros de Lisboa para traçar um plano de concatenação de esforços de todos os indivíduos que ideológica e materialmente se interessam pela transformação da sociedade em bases mais equitativas e racionais das que regem actualmente a nossa vida social, considera como objectivos finais suficientes os seguintes:

1.º A socialização da propriedade e dos meios de produção e circulação da riqueza.

2.º A direcção da produção confiada aos sindicatos como organismos técnicos.

3.º A distribuição confiada às cooperativas, por freguesias ou concelhos, controladas pelas uniões de sindicatos.

4.º Como consequência, a direcção da vida social confiada à C. G. T. e às uniões de sindicatos.»

A verdade é que a classe operária organizada não pode nem deve aceitar um sistema social que estabeleça doutrina oposta à que acima fica consignada. E não aceita porque a classe operária não quer ser uma vez mais ludibriada. Não queremos nem admitimos mais tutelas, partam elas donde partirem; o

J. Carlos Rates.

AMANHÃ: «Fantasias ditatoriais»  
Artigo de Emilio Costa

## Um estranho palpito

leva a policia a encontrar, na redacção de «A Monarquia», uma mala com bombas

Ontem, a fim da tarde, alguns agentes da policia de segurança do Estado, desconfiando, segundo *O Século* (da noite) que qualquer coisa de anormal se passava na redacção de A Monarquia, dirigiram-se ali, acompanhados de vários policias da segurança pública, passando uma rigorosa busca aos escritórios e oficinas do órgão integralista, encontrando, ao cabo do seu labor, uma mala de mão com seis bombas de dinamite, mala que uma misteriosa senhora cinco minutos antes ali tinha deixado.

O caso, que tem muito, mesmo muito, de singular, revelando uma extraordinária argúcia da policia, é de natureza a despertar fortes suspeitas que não deixam de atingir a própria policia, muito desejo tendo nós de que ele se esclareça, porque estamos empenhados em saber se os do lusitano integralismo não tem horror à artilharia civil...

É claro que foram presas várias pessoas que se encontravam na sede do jornal, que seguiram para os calabouços do governo civil, onde pernol-taram.

A noite passada fomos procurados nestas proletarianas oficinas pelos srs. Hipólito Raposo e Luis de Almeida Braga, que em nome da «Junta Central do Integralismo Lusitano» nos pediram a publicação da seguinte nota:

Tendo sido hoje entregue na redacção de A Monarquia, por pessoa desconhecida, uma mala com destino ao sr. Luis Chaves, que hoje cinco minutos depois da chegada foi apreendida pela policia de Segurança do Estado, que nela encontrou, dizem os jornais, seis bombas carregadas, cumpre-nos declarar o seguinte:

1.º que em absoluta coerência com anteriores afirmações, repetidas vezes publicadas, o integralismo lusitano não prepara neste momento qualquer conspiração armada contra a República, justamente pelo grande interesse que tem em não perturbar o suicidio do regime;

2.º que não tendo podido averiguar até agora quem fosse a pessoa que se desempenhou do encargo da misteriosa entrega, nos reservamos o direito de, a todo o tempo, e por a claro este caso rocambolesco, exigir, a quem pertencer, a devida responsabilidade;

3.º que, se, entre as pessoas arbitrariamente detidas, a policia pudesse provar que alguma delas se encontrava envolvida em qualquer espécie de conjura, deixaria, por esse facto de pertencer as nossas organizações.

poder político e económico para os sindicatos, eis tudo.

\*\*\*

A ditadura que defendemos é insosfismavelmente uma ditadura do proletariado. Mas, para nós, esta ditadura é necessariamente transitória, deixando de subsistir logo que esteja realizada a indispensável obra de socialização das cousas, confiada ao usufruto dos meios de produção aos sindicatos e anulada pelo cooperativismo o comércio lucrativo. Que tempo levará a executar esta tarefa? Um mês? dois? seis? Pois sem ela estar realizada a ditadura não poderá dar por finda a sua missão. E resta saber se em rigor se poderá chamar ditadura ao período em que o operariado, segundo as indicações dos seus organismos, procede à expropriação das cousas e remodela inteiramente a estrutura do edificio social. Ditadura, quer dizer o domínio de um individuo ou de uma minoria de individuos, exercido contra a quasi totalidade da população, e será este o nosso caso?

Os sindicatos operários e as suas federações não representam com maior legitimidade a vontade do povo do que o actual parlamento eleito apenas com 7 % dos eleitores inscriitos? E menos razão há ainda para se dizer que a nossa ditadura será exercida contra a maioria da nação. O que pretendemos? Que toda a riqueza social seja pertença da nação e não de alguns individuos; que a distribuição das mercadorias não sirva para o enriquecimento duns em prejuizo dos demais; que a nova organização do trabalho não permita a exploração duns homens pelos outros.

Isto é o que há de fundamental em socialismo. A favor de quem se faz esta obra de socialização? Duma minoria? Não. De todos, faz-se em benefício de todos. Ao burguês anafado que hoje vive do rendimento das suas acções não será amanhã recusado um talher no nosso banquete. Se-lo há, porém, a ele como a qualquer outro individuo, ainda que este se apelle de operário, se se recusa a exercer qualquer função útil de harmonia como as suas aptidões físicas ou intelectuais.

Não, a nossa ditadura não é o domínio duma classe sobre as outras, porque, feita a socialização, os quadros do proletariado serão amanhã alargados e darão ingresso a toda a gente que de-seje trabalhar. E dentro dos quadros do proletariado, dentro dos sindicatos, células vitais do novo regime social, não há outras distinções que não sejam aquelas que dá o mérito individual. Nos sindicatos todos são iguais e, querendo, todos dispõem de iguaes condições sociais para determinar. Se uns tantos abdicam voluntariamente dos seus direitos, se outros mais não dispõem das condições naturais ou não se esforçam por elevar-se, a sociedade não deve estagnar ou parar regulando a sua marcha pelos mais vagarosos, pelos mais incapazes.

J. Carlos Rates.

AMANHÃ: «Fantasias ditatoriais»  
Artigo de Emilio Costa

## Na Alemanha

O governo ante os mineiros

PARIS, 7. — Comunicam de Berlim que naquela cidade estão actualmente entabuladas negociações entre o governo alemão e os representantes das quatro federações de mineiros, as quais compreendem 650.000 homens, sobre o seu trabalho, de modo a assegurar a execução das cláusulas do carvão fixadas em Spa, prevendo a ocupação da bacia do Ruhr e de todo o distrito pelas tropas aliadas.

O governo alemão replicou que as cláusulas do desarmamento estão sendo cumpridas num normal e satisfatório caminho. — Rádio.

## Conflitos com os sem-trabalho

BERLIM, 7. — Em Dresde e em Leipzig produziram-se incidentes provocados pelos sem-trabalho, não se tendo, porém, alterado a ordem pública. — Rádio.

## O decreto do pão

O propósito do *eco* que aqui publicámos ontem com o título *Entradas de leite*, escreve-nos o sr. Peres Trancoso, commissário geral dos abastecimentos, declarando não ter tido interferência na elaboração do recente decreto do pão, que é da exclusiva responsabilidade do governo.

## Partido Comunista

Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão, elaboradora das bases da lei orgânica deste partido.

São convidados, pela mesma comissão, todos os comissionados a não faltarem por ser a última reunião a efectuar, devendo tratar-se em breve de realizar uma grande reunião pública, a fim de lhes serem presentes os trabalhos elaborados.

## Presos por questões sociais

Participa-nos a Comissão pró-presos por questões sociais que recebeu do sindicato Unico Metalúrgico do Porto a quantia de 15510, proveniente de uma quota tirada na sessão solene comemorativa do 1.º aniversário, que se realizou no dia 1 do corrente mês.

## O CASO DA AGÊNCIA FINANCEIRA

Os operários tem ouvido falar vagamente nesta questão da Agência Financeira e julgarão porventura que é assunto que lhes não interessa. Pois não é assim. Esta questão vale muito pela influencia decisiva que teve nos últimos dezoito meses e que continuará a tor na nossa situação financeira e económica, se o protesto popular não lhe puser cõbro.

Explicamos o caso:

O governo brasileiro concedeu ao governo português o privilégio de ter naquele país uma agência bancaria que fôsse como que um corredor por onde os emigrantes portugueses, bastante numerosos no Brasil, onviassem para o seu país de origem as suas economias. Em período normal, antes da guerra, tinhamos nós um deficit na balança comercial que chegou a atingir a cifra de 40.000 contos. Pois bem; estes 40.000 contos de deficit eram cobertos com as remessas de cambias dos emigrantes portugueses no Brasil, remessas que oscilavam entre 28 e 30.000 contos. O restante dava-nos as colónias, principalmente S. Tomé. Está o leitor a ver a importância das remessas ouro do Brasil na economia nacional.

Em Maio de 1919, sendo ministro das finanças o dr. Ramada Curto, o governo português transferiu o privilégio que lhe fôra concedido para o Banco Português do Brasil, que de português só tem o nome, em condições tais que aquele Banco tinha no governo um comprador seguro para um mínimo de 1.200.000 libras, por ano, regulando-se o preço das remessas complementares, quando necessárias, pelo da última remessa ordinária.

E vai daí que succedeu então? Isto simplesmente. O Banco Português do Brasil tinha aqui os seus agentes, dos mais lidimos representantes das forças vivas, patriotas de antes quebrar que torcer, daqueles que mais barafustam contra o anti-patriotismo do operariado, e estes cavalheiros trataram de assambarcar todas as libras que vinham do Brasil. E' claro que em virtude desta procura de ouro o produto procurado começou a encarecer e, assim, estando o câmbio sobre Londres, em Junho de 1919, a 30, foi baixando sucessivamente até chegarmos à presente situação com o câmbio s/Londres a 5 7/8. Como país largamente deficitário em substancias alimenticias e matérias primas para as indústrias, está-se a ver a repercussão desta depressão cambial no custo dos produtos.

E emquanto um povo inteiro gemia esmagado pela mais crueza miséria, os felizes do Banco Português do Brasil e os seus sócios daqui, portugueses dos melhores, enchiam-se que nem ódres.

As libras aqui compradas pelo famoso sindicato luso-brasileiro eram novamente reenviadas para o Brasil e dali vinham de novo para cá e andavam continuamente nesta vilegiatura, deixando de cada passagem uma certa percentagem de lucros nas mãos dos felizes especuladores.

E viu-se então o seguinte: é que sendo as remessas normais de ouro do Brasil de 800.000 libras, no primeiro ano da vigência do contracto com o Banco Português do Brasil, isto é, até 31 de Maio ultimo, a remessa galgou para 6.000.000 de libras e desde essa data até agora, em seis meses apenas, já nos foram enviados 4.000.000 de libras!

Os felizes negociadores luso-brasileiros devem ter ganho neste jogo uma soma superior a 25.000 contos em dezoito meses! Não é nada mau.

E' certo que este jogo tem custado ao país os olhos da cara. O câmbio s/Londres, descendo de 30 para 6, obriga-nos a pagar o trigo, o arroz, as batatas, o carvão, o ferro, o algodão e tudo o mais de que carecemos de importar por um preço seis vezes maior! A libra, que estava então a 8800, está agora a 48800.

E houve criaturas que, a frio, serenamente, premeditaram este crime monstruoso de reduzir um

povo inteiro à penuria extrema. Já tinhamos visto esta atitude marcada pelos Estados historicos contra a Rússia e dela originar-se a morte pela fome de centenas de milhares de russos, mas na Rússia existe uma revolução que é o favor do regime social preexistente; já vimos a mesma atitude definida contra a Alemanha, mas a Alemanha sustentou com a Inglaterra, a França, a Itália e a América, a mais temerosa das guerras e esteve a ponto de triunfar; já vimos a mesma atitude definida contra a Grécia, mas a Grécia rompeu com a Entente, chamando no trôno um rei que não quisesse ceder às imposições da França e da Inglaterra. Mas nós, o que fizemos nós que merecesse tam dolorosa expiação? E' certo que não foram os Estados de concluir que nos reduziram à penuria. Pior ainda. Aqui foram portugueses de concluir com brasileiros que nos reduziram à fome. Não o fizeram num impulso irreprimível de defesa — passe o termo — como o fizeram a França e a Inglaterra em relação à Rússia, à Alemanha e à Grécia. Fizem-no para se encherem, para afrontarem a nossa miséria com os seus gastos supérfluos.

E os que assim procederam não irão como nós outros até ao Limoeiro quando cometemos o nefando crime de reclamar mais pão ou por exteriorizarmos o nosso pensamento rebelde.

Na presença daqueles, os ministros dobram a cerviz, a imprensa louvaminha as suas iniciativas, as suas faculdades de trabalho, de tam proveitosas consequências para o bem publico. E' gente que pode e pode tanto que tendo sido denunciado o contracto com o Banco Português do Brasil, a circular distribuida pelo ministro das finanças não é mais do que uma nota ratificadora para o prosseguimento da rapina, do crime monstruoso de que vimos sendo victimas há dezoito meses.

Já conheciamos o caso dos navios ex-alemães — o unico beneficio positivo que a guerra trouxe a Portugal — em que um grupo de banqueiros nacionais procurava apossar-se deles, reclamando-os como um prémio, como se eles fossem os autênticos mutilados da guerra, as familias dos que nas trincheiras de Flandres encontraram a morte; já conheciamos numerosos casos de assambarcamento e de negócios criminosos com prejuizo das populações e agora ficamos conhecendo o caso da Agência Financeira do Rio de Janeiro, que é concludente.

Al de nós! O que seria de nós se não fossem as forças vivas! Podem continuar, devem continuar a espoliar-nos criminosamente, impunemente. Nós não merecemos outra cousa. Temos a sorte que merecemos.

## A Espanha convulsionada

Um manifesto da C. G. T. de Barcelona

MADRID, 7. — A Confederação Geral do Trabalho de Barcelona publicou um manifesto dirigido a todas as organizações revolucionárias do mundo inteiro, pedindo aos trabalhadores para que no dia 15 do corrente iniciem uma completa boicote a todos os produtos espanhóis e se recusam a carregar e descarregar mercadorias espanholas ou a trabalhar com materiais exportados de Espanha.

Entre outras organizações o manifesto foi enviado à Federação Industrial de todo o Mundo, de New-York, e às Confederações Geral do Trabalho da Argentina, Buenos-Ayres, Rússia, Alemanha, Portugal, França, Itália e Inglaterra.

O documento, depois de acusar as organizações socialistas de cobardes, diz que se a boicote atingir a intensidade esperada pelos sindicalistas espanhóis será um seguro triunfo do qual beneficiarão os trabalhadores do mundo inteiro. — Rádio.

Greve malograda

MADRID, 7. — Fracassou a greve dos empregados dos Bancos e Bólsas de Madrid. — Rádio.

O movimento de Rio Tinto

RIO TINTO, 7. — Retomaram o trabalho 7 mil operários. — Rádio.

TRABALHADORES, A BATALHA

